

# SIGNIFICADOS E APROPRIAÇÕES DOS OBJETOS NO CENTRO HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE - PB

SIGNIFICADOS Y APROPIACIONES DE LOS OBJETOS EN EL CENTRO HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE – PB

MEANINGS AND APPROPRIATIONS OF OBJECTS IN THE HISTORICAL CENTER OF CAMPINA GRANDE – PB

**SILVA, MÔNICA PIRES DA**

Mestre em Design de Produtos, Universidade Federal de Campina Grande, monicapires.arqdesign@gmail.com

**MEDEIROS, WELLINGTON GOMES DE**

Doutor, Universidade Federal de Campina Grande, wellingtondemedeiros@gmail.com

## RESUMO

Embora os objetos possuam determinados propósitos e funções conhecidas, alguns deles podem ser apropriados para um uso diferente do esperado. Espaços urbanos que são ricos em atividade humana, podem servir de palco para diversas apropriações de objetos. Assim sendo, o artigo teve como objetivo identificar e classificar as resignificações que se instauram por meio das apropriações das pessoas com os objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande – PB. O espaço estudado possui como uso predominante o de comércio e serviço, com grande fluxo de pessoas. O estudo possui abordagem qualitativa, exploratória, de caráter fenomenológico, fundamentado na observação das relações entre pessoas e objetos no espaço urbano. Os procedimentos metodológicos foram organizados em cinco etapas: levantamento de dados, observação, inventário, estrutura da análise e resultado. Os registros fotográficos das apropriações foram classificados em quatro categorias: deslocamento, adaptação, extensão e desvio. As apropriações de “deslocamento” ocorrem com mais frequência e com menor planejamento, não existe um padrão de público nestas ações. Casos dentro de “adaptação” e “extensão” são recorrentes entre pessoas que trabalham no meio urbano, como vendedores ambulantes e prestadores de serviços. Em “desvio”, é comum a apropriação como reaproveitamento de objetos sem uso ou que estão no processo de descarte. O resultado do artigo apresenta contribuição para a compreensão das apropriações dos objetos no espaço urbano, por meio da observação e debate sobre as situações exibidas.

PALAVRAS-CHAVE: significado; apropriação; urbano.

## RESUMEN

Aunque los objetos poseen determinados propósitos y funciones conocidas, algunos de ellos pueden ser apropiados para un uso diferente al esperado. Los espacios urbanos ricos en actividad humana pueden servir como escenario para diversas apropiaciones de objetos. En este sentido, el artículo tuvo como objetivo identificar y clasificar las resignificaciones que se instauran a partir de las apropiaciones realizadas por las personas con los objetos presentes en el Centro Histórico de Campina Grande – PB. El espacio estudiado tiene como uso predominante el comercio y los servicios, con un gran flujo de personas. El estudio presenta un enfoque cualitativo, exploratorio y de carácter fenomenológico, fundamentado en la observación de las relaciones entre las personas y los objetos en el espacio urbano. Los procedimientos metodológicos se organizaron en cinco etapas: levantamiento de datos, observación, inventario, estructura del análisis y resultados. Los registros fotográficos de las apropiaciones fueron clasificados en cuatro categorías: desplazamiento, adaptación, extensión y desvío. Las apropiaciones de “desplazamiento” ocurren con mayor frecuencia y con menor planificación, sin existir un patrón específico de público en estas acciones. Los casos de “adaptación” y “extensión” son recurrentes entre personas que trabajan en el entorno urbano, como vendedores ambulantes y prestadores de servicios. En la categoría de “desvío”, es común la apropiación como reaprovechamiento de objetos sin uso o que se encuentran en proceso de descarte. El resultado del artículo contribuye a la comprensión de las apropiaciones de los objetos en el espacio urbano, a través de la observación y el debate sobre las situaciones presentadas.

PALABRAS-CLAVES: significado; apropiación; urbano.

## ABSTRACT

Although objects have certain known purposes and functions, some of them may be appropriated for uses different from those originally intended. Urban spaces rich in human activity can serve as settings for various forms of object appropriation. Thus, the article aimed to identify and classify the resignifications established through people's appropriations of objects present in the Historic Center of Campina Grande – PB. The studied area is predominantly characterized by commercial and service activities, with a high flow of people. The study adopts a qualitative, exploratory, and phenomenological approach, grounded in the observation of the relationships between people and objects in the urban space. The methodological procedures were organized into five stages: data collection, observation, inventory, analytical structuring, and results. The photographic records of the appropriations were classified into four categories: displacement, adaptation, extension, and deviation. “Displacement” appropriations occur more frequently and with less planning, and there is no specific public pattern associated with these actions. Cases within “adaptation” and “extension” are recurrent among people who work in the urban environment, such as street vendors and service providers. In the category of “deviation,” appropriation commonly occurs through the reuse of objects that are no longer in use or are in the process of being discarded. The results of the article contribute to the understanding of object appropriations in urban space through the observation and discussion of the situations presented.

KEYWORDS: meaning; appropriation; urban.

Recebido em: 22/03/2025

Aceito em: 06/04/2026



REVISTA  
**PROJETAR**

Projeto e Percepção do Ambiente

v.11, n.2, maio de 2026

## 1 INTRODUÇÃO

Todas as pessoas possuem uma ideia intuitiva de que os objetos desempenham funções; uma faca é utilizada para cortar, um lápis para escrever ou desenhar. Contudo, quando os objetos são mais complexos, como um computador, torna-se mais complicado definir especificamente a sua utilidade, mesmo assim, ainda existe uma noção implícita do seu uso “correto” (Kasper, 2005, p. 1). Mesmo que a maioria dos objetos sejam concebidos para usos específicos, às vezes surgem desvios na interpretação das intenções originais do/da designer. A identidade de um produto pode ser questionada ou completamente modificada pela capacidade humana de adaptar objetos para propósitos diferentes daqueles inicialmente concebidos. Embora o propósito principal de uma cadeira seja proporcionar um assento, ela pode ser empregada para sustentar papéis, livros, pendurar roupas, manter portas abertas ou servir como suporte para atividades como trocar uma lâmpada. Em geral, as funções adicionais muitas vezes complementam ou aprimoram a intenção original, mesmo que isso não seja uma regra absoluta (Heskett, 2008, p. 54).

Designers desempenham o papel de agentes no processo de criação de produtos e serviços, assumindo responsabilidade pelo desenvolvimento de parâmetros de projetos, ao perceber todas as oportunidades e potenciais significativos, por meio da exploração e avaliação do comportamento humano não intencional. A análise desse fenômeno consegue resultar em impactos positivos na concepção de produtos e em outras disciplinas (Hassan et al., 2022, p. 5). Algumas empresas utilizam dessa adaptação como algo positivo, se não tiverem certeza do que fazer com uma nova tecnologia ou produto, podem lançá-lo no mercado para estimular a experimentação e descobrir possíveis aplicações pelos usuários (Heskett, 2008, p. 59–60). Segundo Bomfim et al. (2018, p. 69–70), o processo de apropriação do espaço mostra que esse ambiente físico é palco para ações e atribuições de significados, tornando-o uma extensão da subjetividade das pessoas, dando sentido à existência e impactando a evolução humana. O homem pode interferir nos processos evolutivos da espécie por meio de transformações sociais.

Campina Grande carrega uma rica história, expressa em seu Centro Histórico, que registra transformações ao longo do tempo. Repleta de significados e objetos, exibindo o desenvolvimento e mudanças urbanas e arquitetônicas, sendo ocupado e apropriado de diversas maneiras pelos seus habitantes. Para Cardoso (2016, p. 37–38), os tempos mudam e com ele, os significados das coisas, mesmo aqueles significados que parecem imutáveis. Em algum momento, todo artefato tem seu significado modificado com a passagem do tempo. Considerando as informações apresentadas, o objetivo do artigo é identificar e classificar as ressignificações que se instauram por meio das apropriações das pessoas com os objetos presentes no Centro Histórico de Campina Grande – PB. A discussão sobre as potencialidades e as necessidades de projetos para o meio urbano poderá contribuir para a melhoria dos espaços por meio de ideias para concepção de produtos provenientes do estudo da interação do usuário com os objetos no espaço urbano. O entendimento dessa demanda também pode contribuir positivamente para estabelecer normas e programas de necessidades para gestores e responsáveis pelas criações desses locais.

## 2 METODO

Quanto à natureza da pesquisa, se estabelece como pesquisa básica, por buscar aprofundar conhecimentos nesse campo de estudo. Considerando as explicações de Santos (2018) e Gil (2008), a abordagem é fenomenológica, trazendo o esclarecimento do que é dado. Por ser qualitativa, existe o foco nos significados apresentados, trazendo descrição da experiência, buscando compreensão de relações e observando pontos especificados pelo pesquisador. A pesquisa exploratória, para Zanella (2011) “tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado fenômeno”. Esse tipo de pesquisa desenvolve, esclarece e modifica conceitos e ideias, sendo possível a formulação de problemas precisos para estudos posteriores (Gil, 2008). O autor ainda pontua que pesquisas exploratórias trazem uma visão geral de determinado fato onde o tema ainda é pouco explorado.

Foi utilizada uma combinação entre pesquisa bibliográfica com estudo de campo. Onde a pesquisa bibliográfica entra como meio de obter conhecimento base de determinados fatos e a pesquisa de campo pretende estudar a partir da observação do objeto de pesquisa. Gil (2008) apresenta estudo de campo como o estudo profundo da questão, sendo uma técnica mais observativa, por meio de um grupo ou comunidade, entendendo a interação de seus componentes. Como procedimento de coleta, foi utilizado o estudo de caso, onde acontece o estudo de “fenômenos em seu contexto de vida real”, nesse caso, não ocorreu controle ou participação do pesquisador sobre os eventos, apenas a observação. Houve a busca pela compreensão do fenômeno observado. A pesquisa foi realizada em cinco etapas, sendo a primeira proveniente do método de como estudar a vida pública de Gehl e Svarre (2013), com as quatro demais etapas sendo um modelo de Collier (2001).

### **Primeira etapa: Levantamento de dados**

Gehl e Svarre (2013, p. 24, tradução nossa) trazem ferramentas para o estudo do espaço. Foram selecionadas as ferramentas mapear, procura de vestígios, fotografias, diário e caminhada teste. *Mapear*, consiste de levantar dados comportamentais dos indivíduos no espaço. O pesquisador *procura vestígios* de atividade no espaço, fornecendo ao pesquisador, informações sobre a vida na cidade. As *fotografias* são importantes para ilustrar e documentar a relação da pessoa com o espaço. Ao manter um *diário*, o pesquisador pode anotar detalhes que podem ser categorizados ou quantificados, posteriormente. A caminhada teste permite a observação detalhada do entorno ao percorrer um determinado trajeto. Visando a não interferência do observador com o objeto de estudo no processo de registro fotográfico, o aparelho celular foi disfarçado para que as pessoas não notassem o registro para o estudo e modificassem suas ações. Para isso, o celular estava em um caderno com um furo apenas para a câmera e as fotos eram registradas por meio de um disparador remoto. À medida que a caminhada ocorria, várias fotos eram registradas, para depois serem analisadas e descartadas aquelas que não continham o material para estudo. Quando uma situação de apropriação era observada, o caderno era discretamente posicionado para o registro, sem interferir no cotidiano do entorno estudado.

### **Segunda etapa: Observação**

Foram observadas as situações, ocorrendo a identificação e anotação de ideias e pensamentos nas imagens registradas. Foi relevante observações das figuras, possibilitando uma análise aprofundada (Collier, 2001 tradução nossa).

### **Terceira etapa: Inventário**

Criação de um inventário com todas as imagens, desenvolvendo categorias que auxiliem nos objetivos de pesquisa (Collier, 2001 tradução nossa). A análise dos registros, ocorre com a busca de um padrão e de significados. Essas imagens só podem ser analisadas se possuem anotações e relações de contexto, devem ser observadas constantemente e agrupadas inicialmente de uma forma que ocorra proximidade de relações contextuais. Após entender a organização desse conjunto de relações, elas podem ser agrupadas em outras estruturas (Collier, 2001 tradução nossa).

### **Quarta etapa: Estrutura da análise**

A estrutura da análise é a classificação dos dados por meio de perguntas estabelecidas pela técnica da listagem (Collier, 2001 tradução nossa). Assim, a análise do inventário foi estruturada pela classificação apresentada por Akrich (1998) e com adição da classificação de Suri (2005).

### **Quinta etapa: Resultado**

A última etapa visa inserir os dados em um contexto, identificando sua relevância, restabelecendo o contexto, visualizando as imagens na íntegra e escrevendo conclusões (Collier, 2001 tradução nossa). Portanto, aqui é apresentado o tratamento final dos dados, com a inserção de contexto e observações obtidas.

## **3 ESPAÇO ESTUDADO**

O município de Campina Grande está localizado no estado da Paraíba, na mesorregião do Agreste Paraibano, com população de 419.379 pessoas segundo o último Censo IBGE (2022).

Na década de 1920, foram implementados os primeiros aprimoramentos públicos em Campina Grande, visando estabelecer uma melhor infraestrutura urbana. Além disso, foram estabelecidas diretrizes mais rigorosas em 1927 para o alinhamento de novas e antigas construções (Queiroz, 2022, p. 43). Durante os anos 1930 e 1940, as ações reformistas que visavam modernizar Campina Grande compartilharam ferramentas semelhantes para renovar o conjunto arquitetônico de sua região central e controlar as novas construções nos subúrbios de classe alta (Queiroz, 2022, p. 193). O atual centro urbano de Campina Grande também é resultado desses e de outros processos históricos, urbanísticos e arquitetônicos que ocorreram. Visando a preservação das diversas edificações que estabelecem um contexto histórico material daquela área, foi homologado o Decreto de nº 25.139/2004 para Delimitação do Centro Histórico Inicial da cidade.

O local destinado para o estudo é um trecho do bairro centro de Campina Grande, sendo também parte do Centro Histórico da cidade. Devido ao alto número de edifícios e da presença atividades de diferentes

tipologias, observa-se no local a presença de muitas pessoas, que realizam ações bastante diversificadas. Os principais usos de edifícios são de comércio e serviço, explicando a quantidade de pessoas e escolha para o recorte da região para o presente estudo. A variedade do espaço enriquece o entorno, se tornando um ótimo palco comportamental humano. Foi observado, que as pessoas se comportam e se apropriam do espaço de distintas maneiras. Esse panorama corrobora o espaço escolhido como adequado para a pesquisa de apropriações de objetos.

#### 4 O MEIO URBANO, OS OBJETOS E AS APROPRIAÇÕES

Os habitantes utilizam o espaço, atribuindo tais funções por meio das atividades exercidas neles. As atividades realizadas em ambientes urbanos são divididas em três categorias: as necessárias, as opcionais e as sociais, cada uma delas demandam distintas do entorno físico. As atividades necessárias são aquelas mais ou menos obrigatórias, como ir ao trabalho e esperar o transporte público. São geralmente tarefas do dia a dia, para as quais o ambiente físico tem pouca influência, visto que são realizadas em quase todas as condições. As opcionais são as que ocorrem por meio do desejo de realizar aquela atividade, onde as condicionantes físicas do espaço têm interferência por serem propícias ou não para a realização agradável dessas atividades no ambiente externo (Gehl, 2009, p. 17–19 tradução nossa).

A qualidade física do espaço tem influência direta na intensidade e na quantidade de atividades que seus habitantes irão exercer, quando de pouca qualidade, apenas haverá atividades necessárias. Contudo, quando os espaços são de boa qualidade, as necessárias se mantêm mais ou menos na mesma frequência e tendem a ser mais demoradas. As atividades sociais são as que dependem da presença de pessoas no ambiente, como jogos e conversas (Gehl, 2009, p. 18–19 tradução nossa). Com o aumento da qualidade física do espaço urbano, aumenta também a quantidade de pessoas em ambientes externos nas nossas cidades. Segundo Gehl, onde houver pessoas e atividades, mais pessoas se sentirão atraídas. “As pessoas se sentem atraídas pelas pessoas”(Gehl, 2009, p. 31 tradução nossa), assim, cria-se um clima para que novas atividades possam acontecer perto das que já estão acontecendo. A atratividade de pessoas no espaço pode ser interferida pelo posicionamento dos bancos, aqueles que permitem uma boa visão das atividades que ocorrem ao redor, são mais utilizados que aqueles que têm pouca ou nenhuma visão (Gehl, 2009, p. 35 tradução nossa). Ao ser realizado um projeto de mobiliário urbano com diversas possibilidades de uso, tem-se como resultado objetos urbanos mais interessantes que possibilitam maior variedade de uso do espaço da cidade na totalidade (Gehl, 2009, p. 176 tradução nossa).

##### **Propriedades dos objetos que permitem diferentes usos**

Ao projetar produtos, o designer designa funções ao produto, sendo a principal sempre acompanhada por outras secundárias, que nem sempre são percebidas. As funções são pontos importantes na relação dos usuários com os produtos, sendo reparadas no processo de utilização e satisfação de necessidades (Löbach, 2001, p. 54–55). Conforme Kasper (2006, p. 135–136), existe um senso comum de que os objetos possuem funções. Eles têm alguma utilidade e a partir dela se obtém um determinado resultado, como uma faca que serve para cortar. Na consciência comum, a função existe como propriedade das coisas tanto quanto a cor e a forma. Segundo Cardoso (2016, p. 101), não existe *função*, mas sim *funções*. Existe o mau hábito de usar a palavra *função*, quando se deseja falar conceitos e valores que são distintos. Para o autor, ao genericamente utilizar esse termo, é gerada uma confusão entre seus usos (o que se pode fazer com ele) e o que ele pode significar. Um objeto precisa ter determinadas qualidades para ser utilizado, como a faca que consegue cortar por sua geometria particular. Entretanto, apenas essa característica não basta, pois uma borracha com a mesma forma não consegue cortar. Então são necessárias as qualidades de dureza e rigidez para haver a característica cortante da lâmina. São complexas as propriedades importantes para um uso, compostas por uma união de traços elementares (Kasper, 2006, p. 138).

Segundo Norman (2006, p. 112), ao nos depararmos com um objeto novo, a capacidade de saber o que fazer com ele pode depender da transferência de conhecimento de experiências passadas ou da obtenção de instruções. As informações necessárias, nesses casos, podem residir na mente do indivíduo. Outra abordagem envolve o uso do novo objeto no mundo, especialmente se seu design fornecer informações interpretáveis. As restrições naturais e as físicas limitam as ações possíveis, enquanto as *affordances*, sugerem os usos e ações potenciais de um objeto. As *affordances* sinalizam possíveis movimentos e ações, enquanto as restrições limitam as alternativas disponíveis. A combinação atenta desses elementos no design, facilita ao usuário a determinação rápida da sequência de ações que serão realizadas, mesmo em situações novas. O termo *affordance* é utilizado para descrever as “propriedades percebidas e reais de um objeto”, com destaque para as fundamentais, aquelas que indicam a maneira que o objeto pode ser utilizado. O modo que usamos e consumimos as coisas, é um processo de interação com o entorno,

intervenção no cotidiano. O uso dos produtos deve depender menos de processos especiais e se apoiarem nas experiências anteriores (Margolín, 2014, p. 68; Queluz; Cresto, 2010, p. 116).

Uma conversa sobre a experiência em relação ao design tem como foco a interação humana com produtos, abrangendo duas dimensões: a operativa e a reflexiva. A dimensão operativa é o modo que os produtos são utilizados nas atividades diárias, enquanto a dimensão reflexiva refere-se a como pensamos ou sentimos em relação a um produto, podendo-lhe atribuir significados. Ambas as dimensões operam em conjunto, pois o uso de um produto é inseparável da consideração do significado que esse uso tem para o indivíduo. A experiência está na consciência do indivíduo como resultado de sua interação com um produto. Cada pessoa traz consigo diferentes condições internas para uma situação de uso, levando a atribuir à sua interação com o produto um significado individual (Margolín, 2014, p. 59-60;62).

### **Significados e apropriações**

Ocorre um projeto na origem de um artefato, com o maior objetivo de embutir significados, assim, codificando-os com valores e informações que podem ser entendidos pelo uso e aparência. Através do visual, o design pode sugerir ações e comportamentos. Isso resulta em objetos de aparências que não são neutras e carregadas de significados. Ao olhar para um objeto, o indivíduo associa uma série de valores e juízos ligados à sua história (Cardoso, 2016). Os significados dependem do contexto nos quais ele se instaura. Segundo Krippendorff (2006, p. 59 tradução nossa), os contextos limitam a quantidade de significados. Um exemplo é o dicionário, ele apresenta uma lista de significados de uma palavra, mas cabe ao leitor saber qual se aplica ao contexto de uso. Dessa forma, os artefatos podem significar coisas distintas em situações diferentes, para pessoas diferentes.

Denis (1998, p. 28;31) apresenta o conceito de *fetichismo* associado ao design como ato de designar significados diversos aos objetos, que não são a eles inerentes. Uma ação espiritual, ideológica e psíquica de associar valor simbólico à existência de artefatos, dando outra vida às coisas. Pensando no artefato como entidade abstrata incorporada em algo concreto, nenhum objeto possui significado fixo. Por existir no tempo e no espaço, ele perde os sentidos inerentes e adquire outros com a mudança de contexto. Para o autor, os significados possuem níveis, sendo universal e inerente, e outro pessoal e volúvel. Eles surgem por meio da fabricação, do comércio, dos usuários, ou, muitas vezes, pelo conjunto de todos esses. Nem mesmo os significados inerentes são realmente inerentes, por não preexistirem à transformação humana da matéria. Os significados se estabelecem de duas maneiras: pela atribuição e pela apropriação, sendo respectivamente paralelas à produção/distribuição e ao consumo/uso. O grau de estabilidade dos significados, ou sua capacidade de aderência ao artefato é variável. Os significados atribuídos durante a sua concepção e distribuição, tendem a ser mais duradouros e vistos como universais, em contraponto aqueles provenientes de apropriações de consumo e uso (Denis, 1998, p. 33).

Apropriação significa o processo sobre como objetos e lugares ganham sentido e como eles são incorporados em sua vida cotidiana. A apropriação pode ser entendida como; a necessidade de transformar o espaço para senti-lo é nosso, não pela mera transformação, mas pela necessidade de nos mostrar nele (projeção). Precisamos adaptá-lo para nos sentirmos confortáveis. No espaço público esse fato é mostrado graças a ações “possíveis” como: uso habitual de um local, adaptações ao mobiliário urbano de uso frequente, corrente em um bicicletário, pichações, etc. Essas formas refletem hábitos, valores e modo de vida, preferências e fobia de pessoas ou grupos que ocupam o lugar. Esse processo cria uma espécie de relação de equivalência entre o espaço ou objeto e os usuários. O espaço mostrará o modo de vida dos habitantes e as diferenças culturais no processo de apropriação (Real et al., 2006, p. 2).

Um exemplo de modificação dessa mudança de significados e a reinterpretação dos artefatos é o movimento “faça você mesmo” (DIY). Norman (2023, p. 195–196 tradução nossa) afirma que a história do DIY é longa e vai até o início da tecnologia humana, podendo ser expressa pelas pessoas que podem reparar e criar novos produtos a partir de materiais comuns do cotidiano, sendo encontrada em culturas do mundo todo. Um clássico exemplo do DIY fala sobre as pessoas reunirem matérias-primas e construir o que precisam no momento. Nem todos constroem o que desejam com matérias-primas, os membros mais inteligentes da comunidade DIY desenvolvem meios de reutilização e reaproveitamento de móveis existentes.

No dia a dia, as pessoas interagem e se comunicam entre si por meio de diversos produtos. Assim, por exemplo, além de conterem líquidos, as garrafas vazias podem ser utilizadas para separar as gemas dos ovos de suas claras. Mesmo simples, essas descobertas tornam a vida humana cotidiana tão significativa e conveniente quanto as criações derivadas de estudos. Indivíduos não-designers desenvolvem, novas funções com o uso de produtos do tipo inovador (Hassan et al., 2022, p. 1).

Considerando a inventividade dos indivíduos, Bonsiepe (2011, p. 258) apresenta a “inovação baseada no usuário”, sendo um dos vetores ou forças motrizes capazes de proporcionar a inovação do design. Ao longo de décadas foram desenvolvidas várias inovações no campo do design, muitas dessas estão direta ou indiretamente relacionadas à significação, como atribuímos sentidos ou significados a objetos, artefatos e coisas. Ao conseguir atribuir significados, também é possível modificar esses significados da interpretação inicial, permitindo um vasto leque de possibilidades para o design (Belchior; Ribeiro, 2017, p. 2).

### **Classificação de ressignificações dos objetos**

Akrich (1998) apresenta quatro formas do que denomina intervenção do usuário: deslocamento, adaptação, extensão e desvio (ver Quadro 1).

Quadro 1: Classificação Akrich








<b>Classificação</b>	<b>Definição</b>
<b>Deslocamento</b>	O deslocamento consiste em modificar o espectro dos usos previstos para um artefato, sem anular aquilo para o qual ele foi projetado e sem introduzir modificações significativas no artefato.
<b>Adaptação</b>	Se trata de introduzir algumas modificações no artefato que permitam ajustá-lo às características do usuário ou ao seu ambiente, sem, no entanto, afetar sua função principal.
<b>Extensão</b>	Falaremos de extensão quando um artefato é mais ou menos mantido em sua forma e usos originais, mas são adicionados um ou mais elementos que enriquecem a lista de suas funções.
<b>Desvio</b>	A noção de Desvio refere-se a um conceito bastante difundido, especialmente no campo da arte: um artefato é desviado quando um usuário o utiliza para um propósito que não tem nada a ver com o cenário originalmente previsto pelo designer e, conseqüentemente, anula qualquer possibilidade de retorno ao uso anterior.

Fonte: Akrich (1998, p. 3–9 tradução nossa).

Por sua vez, no do livro *Thoughtless Acts*, Suri (2005) registra e classifica os ‘atos irrefletidos do cotidiano’ encontrados, aqui apresentados com ações e vestígios de ações (Quadro 2). Tal classificação é composta por 7 categorias, sendo todas conceituadas por uma breve explicação. Embora bem ilustrado em imagens, não fica claro do que pode ou não ser classificado em cada categoria. Em contrapartida, Akrich (1998) apresenta em seu artigo, definições com maior esclarecimento do que são as categorias criadas pela autora, contudo, sem exemplos visuais.

Comparando ambas as classificações, observa-se que existem similaridades, porém Suri (2005) apresenta maior quantidade de categorias devido a diferenciações, para que situações muito distintas não caiam sob a mesma nomenclatura. Além da explicação mais detalhada apresentada por Akrich (1998), o fato de utilizar menor quantidade de categorias, também auxilia na compreensão e uso de sua classificação.

Quadro 2: Classificação Suri

Classificação	Definição	Exemplo
<b>Reagir</b>	Nós interagimos automaticamente com objetos e espaços que encontramos.	
<b>Responder</b>	Algumas qualidades e características nos fazem comportar de modo particular	
<b>Associar</b>	Usamos de oportunidades presentes no nosso entorno imediato	
<b>Explorar</b>	Aproveitamos as qualidades físicas e mecânicas que entendemos	
<b>Adaptar</b>	Mudamos o propósito ou contexto da coisa para atender nossos objetivos	
<b>Conformar</b>	Aprendemos padrões de comportamento de outras pessoas do nosso grupo social e cultural	
<b>Sinalizar</b>	Transmitimos mensagens e comandos para nós mesmos e para outras pessoas	

Fonte: Suri (2005 tradução nossa).

Assim, para realização do estudo em foco, a classificação de Akrich (1998) foi utilizada como primária, tendo Suri (2005) como um comentário complementar.

## 5 RESULTADO

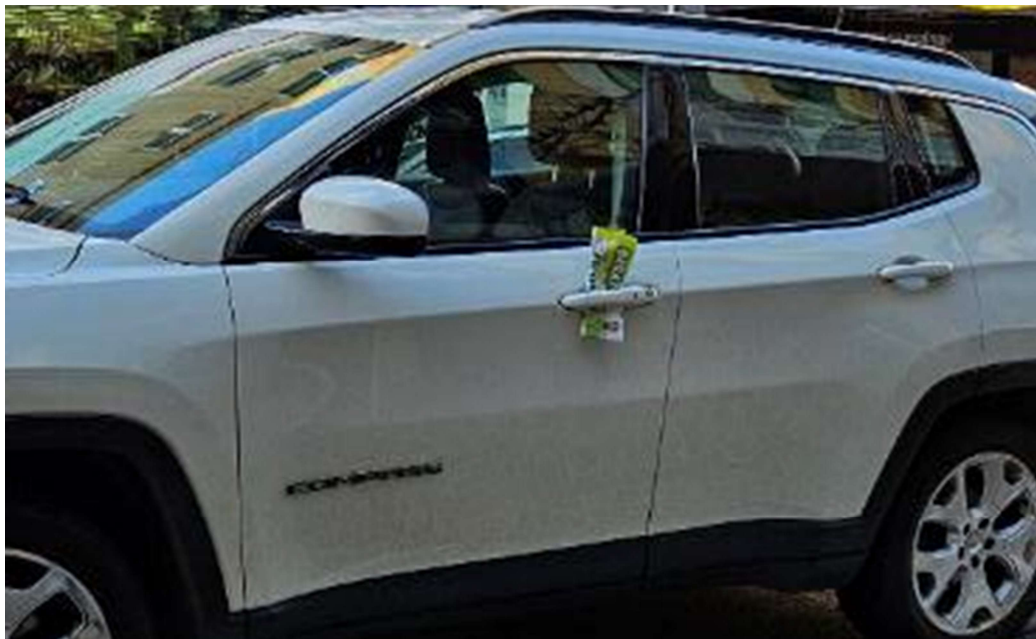
As imagens selecionadas foram divididas sob a classificação de Akrich (1998) (deslocamento, adaptação, extensão e desvio) e complementada no texto pela classificação de Suri (2005), aparecendo em **itálico e negrito** no texto (reagir, responder, associar, explorar, adaptar, conformar e sinalizar). Não confundir “**Adaptar**” de Suri com “Adaptação” de Akrich. “**Adaptar**” nesse trabalho sempre aparece em negrito e itálico, dentro da descrição de alguma situação. “Adaptação” é uma categoria dos resultados.

### **Deslocamento**

São deslocamentos, as situações nas quais, o uso esperado do objeto foi modificado, mostrando como os objetos podem ser usados frequentemente de maneiras distintas, sem nenhuma ou com pouca alteração física neles. Isso até leva a indagação de quais produtos do meio diário, tiveram seus usos deslocados sem que as pessoas ficassem sabendo. São deslocamentos, as situações nas quais, o uso esperado do objeto foi modificado, mostrando como os objetos podem ser usados frequentemente de maneiras distintas, sem nenhuma ou com pouca alteração física neles. Isso até leva a indagação de quais produtos do meio diário, tiveram seus usos deslocados sem que as pessoas ficassem sabendo.

Em um trecho de estacionamento da Rua Venâncio Neiva, foi registrado uma forma de fazer propaganda um tanto peculiar. No dia a dia do centro da cidade, as pessoas fazem propagandas de serviços e comércio, porém é comum as pessoas recusarem sem ao menos pegarem o panfleto. Alguns desses trabalhadores recebem por hora trabalhada ou pelo volume de panfleto distribuído. A Figura 1 ao retrata um veículo estacionado em via pública com um panfleto na maçaneta da porta do motorista. Na extensão de toda a rua, foi encontrada uma sequência de veículos na mesma situação, isso também ocorreu em dias e ruas diferentes. A maçaneta é um objeto fundamental para permitir a entrada do motorista no veículo, então acaba por ser inevitável que a pessoa desvie do panfleto para poder dirigir. Esse objeto teve sua função principal deslocada para atender a necessidade de um prendedor. Nessa situação, o objeto serve para **Sinalizar** que para o usuário entrar no veículo, ele necessita pegar o panfleto primeiro, sendo uma coerção física.

Figura 1: Panfleto na maçaneta.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Enquanto uns lojistas apoiam peças de portas em vãos nas paredes de fachadas, outros trabalhadores usam os mesmos espaços para usos diferentes. Na Figura 2, é possível observar a fachada de estabelecimentos. A loja vermelha estava aberta, apenas essa porta estava fechada e a porta cinza sempre fica fechada. Os vazios da fachada vermelha e da cinza, foram preenchidos com objetos por um vendedor ambulante. As fachadas inativas, agora servem de expositor de produtos. Na porta vermelha, existe a fechadura, um affordance para pendurar objetos e o degrau cuja função principal é conectar dois níveis de

piso, usado como uma mesa, apoiando os produtos. Na porta cinza, foi inserido no espaço uma madeira na horizontal, usando-a como mesa. O pano que será vendido, aqui também é cortina, para esconder as sacolas de estoque embaixo da madeira. Aqui, também é observado que a porta é utilizada para afixar cartaz de propaganda de serviços. Colocar objetos à venda em um vão desocupado de loja, pode ser um ato de **Responder** às condições das fachadas.

Um objeto consegue atender múltiplas apropriações ao mesmo tempo, um exemplo dessa situação é a Figura 3. Em um dia de calor, ocorre atividade necessária e social. Duas mulheres aproveitam a sombra de um poste de concreto da rede elétrica para conversar, sendo que a que está mais perto do poste, está apoiada nele. Ao se protegerem do sol, estão exercendo um ato de **Reagir** à situação. Todavia, o poste não está sendo apropriado apenas para isso. Seus atributos físicos estão sendo utilizados para propaganda e organização dos objetos de uma das mulheres. Existe um cartaz perdurado no poste e alguns outros colados em sua superfície plana. A moça está a trabalho e o que parece ser seus objetos, estão agrupados junto ao poste, podendo facilitar o acesso e manejo deles. A cadeira está encaixada na mochila, ocorrendo mais de um momento de quando os objetos são utilizados para indicar pertencimento ao mesmo dono.

Figura 2: Expondo de produtos em fachadas.

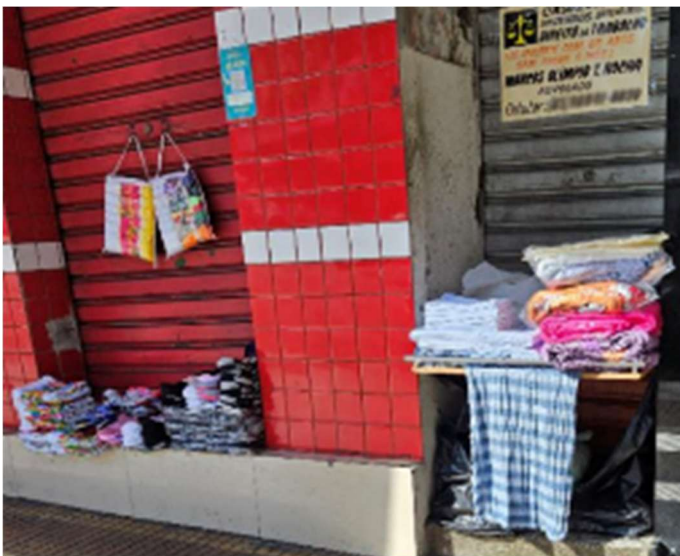


Figura 3: Poste apropriado



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Próximo à Catedral de Campina Grande, existe um ponto de grande movimentação, isso ocorre devido a uma loja de varejo e um ponto de ônibus para diversas linhas. Nesse local, foi encontrada uma situação de **Sinalizar**, exibida na Figura 4. O dono de uma banca, popularmente conhecida como fiteiro, utilizou as grades de proteção como um objeto para fixar os preços dos produtos vendidos. A horizontalidade das linhas da grade, favoreceu o anexo desses objetos. Talvez, se tivesse fixado no exterior da banca, o cartaz poderia ter sido vandalizado em momento de inatividade. O resultado é que a grade que serve para proteção, quando não é utilizada para isso, tem outra função.

Em frente a uma casa sem uso (Figura 5), próximo ao ponto de ônibus e Arca Catedral, foi observada a apropriação do muro divisório com o intuito de **Explorar**. Esse muro em si é baixo, sendo sua altura completada por um gradil que apresenta arcos no topo. O vendedor utilizou as subdivisões do gradil para encaixar cada produto, os arcos para pendurar os bonés e o muro como apoio para os demais objetos. Nos pontos onde não existem características físicas para serem facilmente apropriadas, são utilizados outros objetos para exercerem essa função, como cordas e a situação dos degraus do portão de entrada, que foi utilizada uma caixa de papelão como mesa para exibição dos produtos. Para arrematar esse conjunto de apropriações, vem o guarda-sol, que além de proteger produtos e vendedor da incidência solar, transforma todo o contexto em quase uma barraquinha ambulante.

Figura 4: Preços da banca.



Figura 5: Gradil como expositor



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A Figura 6 foi registrada na esquina do Edifício Lucas, espaço que está sempre cheio de pessoas durante o período comercial; nela se observam três situações de deslocamento e uma de adaptação. Uma bicicleta está amarrada a um orelhão telefônico, isso ocorre com alta frequência e com bicicletas pertencentes a pessoas diferentes. O orelhão que além de atender sua função primária, é apropriado para um uso similar ao de um paraciclo. Um senhor utiliza de uma jardineira para sentar, naquele momento, a construção além de conter a planta, serve de apoio ao homem. Em muitos lugares, a demanda do lixo é maior do que as lixeiras podem dar conta. Uma prática comum é utilizar algumas caixas para contenção do lixo, isso é um ato de **Adaptar**<sup>1</sup>, onde a caixa teve seu contexto mudado para lixeira. A moça com camisa amarela, está em uma ação da dimensão operativa, por automaticamente colocar sua bolsa no chão, protegida por suas pernas. O caso de adaptação do vendedor ambulante, será visto a seguir.

Figura 6: Múltiplos deslocamentos e uma adaptação.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

### Adaptação

Na adaptação, o usuário adiciona modificações para ajustar uso do produto ou seu espaço de entorno, mas essas alterações não são permanentes e nem impedem a função principal. Podemos falar do senhor vendedor da figura anterior para exemplificar, ele utilizou panela e outros elementos para facilitar o uso para venda, mas o carrinho permanece sem alterações físicas definitivas.

Em frente a um comércio que realiza entregas, foram encontradas duas situações, uma sendo um deslocamento e outra de adaptação. O rapaz, no primeiro plano da Figura 7, por falta de um suporte para transporte de objetos, utiliza de todo o braço para segurar sacolas com os produtos a serem entregues. Ao

fundo da imagem, é observada uma moto com uma caixa de armazenamento amarrada atrás. A adaptação veio ao adicionar na moto, uma modificação (o caixote) para que pudesse ocorrer o transporte de produtos. Essa atitude também é uma ação de **Adaptar**, visto a mudança do contexto do caixote para atender o propósito desejado.

Em um ponto de cruzamento, foi encontrada uma cadeira de plástico acorrentada em um totem, Figura 8. Essa atitude, além de indicar posse da cadeira a alguém, mostra que ela é utilizada em um ponto quase fixo. Acontece a adaptação ao adicionar os papelões servindo como acolchoamento da cadeira, onde ele deixou de armazenar coisas e agora serve de assento. Assim, o dono da cadeira visou **Explorar** a qualidade física do papelão para seu conforto.

Figura 7: Entregas de encomendas



Figura 8: Cadeira de plástico acochoada



Fonte: Acervo pessoal (2024).

O Calçadão do Centro de Campina Grande é conhecido pelos habitantes como um ponto repleto de espaço para socialização, comida e outros serviços. Na Figura 9, existem alguns deslocamentos e uma adaptação. Como situações de deslocamentos, temos a senhora sentada na jardineira, a parte inferior do banco (abaixo do homem de camisa azul e calça jeans azul) é utilizada como porta volumes, o espaço vazio entre o apoio de costas dos dois bancos como paraciclo, e as árvores, objetos naturais, sendo utilizadas como ganchos para pendurar as mochilas dos trabalhadores. Embora exista um mobiliário próprio para engraxar sapatos na praça da bandeira, ocorreu uma adaptação do banco urbano comum para esse tipo de mobiliário, ao trazerem outros objetos para complementar essa função adicionada. Esse é um caso de **Adaptar**, onde temporariamente é mudado o propósito do objeto.

Figura 9: Lazer e serviço no Calçadão.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

A Figura 10 ilustra a sequência de senhores em frente a estabelecimentos, a maioria acompanhados de seus bancos. O banco preto possui uma adaptação, foi adicionada uma espuma sobre uma base rígida. Mesmo tendo cadeiras dentro das lojas, os senhores optam por pegarem seus assentos e ficarem em frente das lojas. Aqui é vista uma ação de **Conformar**, onde uns copiam os comportamentos dos outros.

Também foi observado um ponto de venda hortifrúti composto por dois vendedores ambulantes. O vendedor do plano de fundo da Figura 11, possui uma barraquinha para venda, mas o vendedor do primeiro plano, não. Ele apoia os produtos de venda sobre um plano de madeira e abaixo dele, podemos ver seis caixotes de transporte. É possível que os mesmos caixotes usados para transportar os produtos até ali, sejam utilizados para criar uma mesa, trazendo tudo próximo a altura do olhar do possível e facilitando o manejo para o vendedor. Temos outro caso de **Adaptar**, pela mudança temporária do objetivo dos caixotes pela necessidade utilitária.

Figura 10: Bancos e senhores



Figura 11: De transportador para mesa.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

### Extensão

Alguns objetos não satisfazem o usuário ou até mesmo podem ter mais funções adicionadas e para isso, o usuário anexa a composição formal desses objetos, outros elementos para poderem ser exercidas novas atividades. Em suma, uma apropriação ao nível de extensão ocorre quando um objeto é adicionado a outro, estendendo sua forma e função.

A atividade de mototaxistas é uma prática comum em Campina Grande. Esses profissionais estão espalhados pela cidade em pontos estratégicos de atendimento, alguns sendo planejados e outros sendo apropriados. Alguns desses pontos apropriados estão na região estudada, estão geralmente localizados em zona de estacionamento e com bancos, colocados lá pelos próprios trabalhadores. Na Figura 12, é possível observar uma moto de mototaxista, um banco de madeira e metal, um poste metálico que pertence a uma placa de trânsito e uma pilha de cones acorrentados a esse poste, junto com o banco. Esses itens pertencem e são utilizados pelos mototaxistas, a mesma prática foi vista sendo replicada pela região, acorrentando em postes e árvores, que são objetos fixos. O poste que antes apenas sinalizava, agora possui elementos adicionados a ele, atribuindo uma nova função, a de proteção de objetos, em especial ao banco, pois não é removido do espaço. Aqui, o poste também foi utilizado para **Explorar** sua característica física, sendo ela a de permanência no espaço.

Um poste de concreto dá suporte para rede elétrica, empresas de comunicações, sinalização de trânsito e outros. Seu posicionamento estratégico, solidez e imobilidade, além de prestar auxílio a empresas, pode abrir margem para apropriações. Em mais uma situação de **Explorar**, um vendedor montou próximo a um poste de concreto, Figura 13, sua barraca para venda de alimentos e outros produtos. Além da estrutura física convencional da barraca, o proprietário utilizou do poste para apoiar mais componentes, como uma cobertura e estruturas de mostruário de produtos. Mais que as funções mencionadas, a adição desses componentes estendeu as atribuições do poste

. Os vendedores do Centro quando não fazem modificações nos seus objetos de trabalho fixos, fazem modificações nos objetos móveis. A Figura 14 apresenta um vendedor que adequou todo o seu carrinho de vendas, essas adições estenderam as possibilidades de transporte desse objeto para também servir de mostruário de produto. Para poder vender um tipo de produto, ele os colocou em uma grade anexada na

lateral e para outro tipo de produto, ele os amarrou e anexou na frente. Colocando os produtos nessa disposição, o vendedor está querendo **Sinalizar** que os objetos estão à venda.

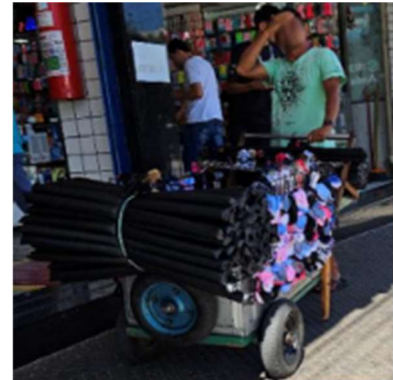
Figura 12: Acorrentados



Figura 13: Barraca



Figura 14: Adições no carrinho.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

No dia a dia, basta ampliar o cenário para ver que existem apropriações de diferentes classificações convivendo lado a lado, é exatamente o que ocorre na Figura 15. As pedras se tornaram pés niveladores e os pratos, cuja função é conter o alimento para refeição, virou mostruário, esses são exemplos de deslocamento. A sacola para lixo, o caixote com tábua de madeira e o carinho como mesa, facilitando a rotina, são adaptações. Como extensão, existe em um poste balizador, um elemento adicionado para possibilitar o funcionamento da venda, um varão branco amarrado a ele que viabiliza o suporte dos objetos. Aqui, houve um ato de **Associar**, visto o uso do balizador como apoio estrutural.

O que iniciou sendo apenas um carinho de açaí, ganhou nova roupagem e funções (Figura 16). Foi acrescentado um compartimento para caixa de som, outro para um balde para servir como lixeira e uma grade para pendurar outros objetos e compartimentos não identificados. Algo com simples usos e funções, agora tem uma gama mais completa. Além disso, tudo foi revestido em papel alumínio, provavelmente para emitir a ideia de organização e facilitar a limpeza, sendo um ato de **Responder**.

Figura 15: Deslocamento, adaptação e extensão



Figura 16: Carrinho modificado



Fonte: Acervo pessoal (2024).

### Desvio

O desvio é um tipo de apropriação no qual se utiliza o produto em uma função e um contexto diferente do inicial ou muda a forma dele para poder ser utilizado. Um exemplo é a reciclagem, que nesse caso, modifica de tal forma que impede o produto de ser utilizado da maneira anterior.

Às vezes o desvio pode aparecer de forma não planejada para sanar uma necessidade imediata. A Figura 17 mostra uma calçada com um buraco em uma placa de concreto, acompanhada por um poste de concreto e uma lixeira. Próximo à placa de concreto, tem uma pequena placa de MDF, que foi observada em outros dias, sendo utilizada para cobrir esse buraco. O MDF é um material que é proveniente da madeira, muito

utilizado para a fabricação de móveis. Portanto, um pedaço do material foi descartado e/ou dado a nova função de ser a placa, para a proteção das pessoas que passam por ali. Devido à dimensão e planicidade do produto, essa foi uma ação de **Explorar** as qualidades físicas para segurança

Figura 17: A placa da placa.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

De certa maneira, uma situação semelhante foi vista na calçada seguinte, (Figura 18). Foi realizado um serviço para o preenchimento por cimento de um buraco. O cimento precisa de um tempo para a realização da cura e assim poder ser pisado, se não for realizada corretamente, além do serviço ficar danificado. Então, como um desvio, os trabalhadores, colocaram uma tábua de madeira de obra, caixas de papelão, folhas de plantas, galhos e tijolos para **Sinalizar** o piso.

A Figura 19 apresenta uma janela da fachada de uma casa abandonada. Essa janela é composta inteiramente de madeira e é do tipo veneziana, possui peças de madeira na horizontal, com determinada inclinação para permitir a ventilação interna. Em uma das folhas da janela, algumas peças estão faltando e como um jogo de tetris, uma pessoa encaixou duas embalagens de marmita no lugar. Temporariamente ou não, as embalagens de isopor, destinadas para comida, agora foram desviadas para serem utilizadas como essas peças de janela. Essa foi uma ação de **Responder**, onde as qualidades formais das embalagens e da janela, possibilitaram esse comportamento.

Em outra imagem, já foram exibidas múltiplas situações de classificações diferentes em uma só imagem, na Figura 20, são apresentadas as quatro. Como deslocamento, a senhora estava sentada no degrau da loja, deslocando sua função. A adaptação está na sacola pendurada na pega de manejo do carrinho de mão, adaptando as funções sem precisar maiores modificações. O nivelador fixado no pé do carrinho e a adição no corpo da máquina de sorvete são extensões dos produtos para aumentar as funções. Para desvio, são duas situações com caixas de papelão e uma com madeira. Em cima da marquise onde a placa "Fechine 4º Cartório" está fixada, tem uma caixa de papelão dobrada tapando o vão desse e outro elemento de fachada. O usual, nessa situação, seria a fixação de um elemento de material ideal para sanar o problema que a pessoa que adicionou o papelão, queria sanar. Assim como um carrinho de mão, a caixa de papelão, em sua forma original, tem a função principal de carregar objetos. Porém, na aplicação da situação da imagem, as caixas de papelão estão dobradas e arranjadas para contenção dos produtos. É um desvio de função para o prolongamento do tamanho do carrinho, permitindo-o carregar mais produtos. Esse prolongamento é estruturado por vários pedaços de madeira descartados, os reaproveitando. Toda essa organização pode ser uma forma de **Adaptar** todo o carrinho para atender às necessidades de venda.

O reaproveitamento de objetos para melhorar ou criar um novo objeto, é uma prática corriqueira, a Figura 21 apresenta mais um exemplo. A situação é uma placa para sinalização de estacionamento, feita com peças de metal, sendo uma delas, uma peça de carro. Ela é composta por uma roda de carro como a base, soldada a mais dois objetos metálicos, para criar a verticalidade e superfície para a mensagem. Toda essa manipulação de objetos corresponde a mais uma maneira de **Adaptar** objetos para servir uma função desejada.

Figura 18: Atenção no piso



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 19: Janela quebrada.



Figura 20: Deslocamento, Adaptação, Extensão e Desvio.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Figura 21: Sinalização de estacionamento



## 6 CONCLUSÃO

Por meio das observações realizadas nesse trabalho, foi visto que ocorrem ressignificações de objetos em um trecho do Centro Histórico de Campina Grande. Elas acontecem por meio das apropriações durante os usos desses objetos pelas pessoas. Observando as situações ocorridas, os casos de “Deslocamento” são os mais comuns. É neles que podem acontecer apropriações mais corriqueiras, menos conscientes, e de oportunidade. Desde apoiar-se em objetos e utilizar a sombra de um poste até peças pesadas de portas já escoradas em parede para acorrentar cadeira. Devido à natureza dessas apropriações, elas acontecem por pessoas diferentes em situações diferentes, não observando necessariamente um padrão de público e ações nessa classificação.

As situações classificadas como “Adaptação” e “Extensão”, foram observadas ocorrendo em maior número com vendedores e prestadores de serviços, devido às características do espaço de estudo. Na adaptação, ocorrem adequações mais simples para ajuste ao usuário; enquanto a extensão adiciona elementos para aumentar o número de funções. Essas apropriações são comuns com o público citado porque provavelmente, suposição essa devido ao número de modificações observadas, é difícil para eles encontrarem produtos que atendam boa parte de suas necessidades, tanto por questões funcionais, quanto financeiras. Aqui entra também o fator de individualidade de uso, onde cada vendedor tem suas especificidades. Essas pessoas fazem apropriações de objetos considerando o transporte dos produtos, possível estadia em local, atratividade de pessoas, vendas e a exibição dos produtos.

Como “Desvio”, foram vistas apropriações utilitárias que envolvem o fim do ciclo de vida do objeto, criando novos usos e prolongando sua vida. Alguns casos sendo um reaproveitamento temporário de algo que será destinado a descarte e em outros, uma modificação completa, gerando um novo objeto com um novo ciclo de vida. Comparada com as demais categorias de classificação, essa apresentou uma quantidade menor de

apropriações, porém, contém grande relevância no debate de apropriações, devido ao quão distinta pode chegar a função principal do objeto para a função apropriada dele.

A pesquisa trouxe contribuição importante sobre a compreensão das apropriações dos objetos no espaço urbano por meio do levantamento das situações, classificação e debate sobre elas. Assim, os resultados dessa pesquisa podem ter aplicações de cunho teórico e prático, ou seja, oferecendo subsídios para desenvolvimento ou melhoria de produtos que atendam as pessoas que realizam atividades de diversos tipos em espaço urbano. Porém, é importante que, para obter maiores resultados para tais aplicações, é necessário maior tempo e ferramentas de estudo. Como metodologia, o estudo contribuiu com um levantamento e debate acerca das apropriações, estruturando dados por meio de uma classificação que pode auxiliar no entendimento sobre a relação das pessoas com os objetos no espaço urbano. Embora a pesquisa tenha atingido seu objetivo, é necessária a continuação e ampliação dos estudos.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à CAPES, financiadora da dissertação de mestrado da primeira autora, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa que originou este artigo.

## REFERÊNCIAS

- AKRICH, M. Les utilisateurs, acteurs de l'innovation. **Education Permanente**, [s. l.], v. 134, n. 1, p. 79–90, 1998.
- BELCHIOR, C. L.; RIBEIRO, R. A. C. Estruturando uma metodologia para analisar a resignificação como ferramenta estratégica do design. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DESIGN, 2017, Minas Gerais. **Blucher Design Proceedings**. Minas Gerais: Editora Blucher, 2017. p. 425–433.
- BOMFIM, Z. A. C.; DELABRIDA, Z.; FERREIRA, K. P. Emoções e afetividade ambiental. **Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**, [s. l.], p. 60–70, 2018.
- BONSIEPE, G. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blücher, 2011.
- CARDOSO, R. **Design Para um Mundo Complexo**. [S. l.]: Editora LTDA-ME, 2016.
- COLLIER, M. Approaches to analysis in visual anthropology. *In*: VAN LEEUWEN, Theo; JEWITT, Carey (org.). **Handbook of visual analysis**. [S. l.]: SAGE, 2001. p. 35–60.
- DENIS, R. C.. Design, cultura material e o fetichismo dos objetos. **Revista Arcos**, [s. l.], v. 1, p. 14–39, 1998.
- GEHL, J. **La humanización del espacio urbano: La vida social entre los edificios**. tradução: María Teresa Valcarce. Barcelona: Reverté, 2009.
- GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. tradução: Karen Ann Steenhard. Washington: Island Press, 2013.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas Sa, 2008.
- HASSAN, Z.; ZAINAL ABIDIN, S.; ANLWAR, R.; VERMOL, V. V. The Value Of Unintended Human Behaviour In Everyday Product Design. **24th International Conference on Engineering and Product Design Education**, Londres: ICEPDE, 2022. p. 6. Disponível em: <https://www.designsociety.org> › THE+VALUE+... Acesso em nov/2023.
- HESKETT, J. **Design**. tradução: Márcia Leme. São Paulo: Ática, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Campina Grande | Panorama**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>. Acesso em: nov/2023.
- KASPER, C. P. Desviando funções. **Nada**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 72–77, 2005.
- KASPER, C. P. **Habitar a rua**. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, 226 f.
- KRIPPENDORFF, K. **The semantic turn: A new foundation for design**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2006.
- LÖBACH, B. **Design Industrial: Bases Para a Configuração dos Produtos Industriais**. tradução: Freddy Van Camp. 1. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.
- MARGOLÍN, V. A experiência com os produtos. *In*: ..... **Políticas do artificial: ensaios e estudos sobre design**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 55–80.
- NORMAN, D. **Design for a better world: Meaningful, sustainable, humanity centered**. [S. l.]: MIT Press, 2023.
- NORMAN, D. **O design do dia a dia**. tradução: Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- QUEIROZ, M. V. D.. **Quem te vê não te conhece mais**. 2. ed. Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2022.

QUELUZ, M. L. P.; CRESTO, L. Nós e as Coisas: como ressignificamos os artefatos através do uso. *In: Design & Consumo*. Curitiba: Peregrina, 2010. v. 3, p. 115–140.

REAL, P.; TOMICO, O.; PONS, L.; LLOVERAS, J. Designing urban furniture through user's appropriation experience: teaching social interaction design. **8th International Conference on Engineering and Product Design Education**, Austria, 2006. p. 1–6.

SANTOS, A. **Seleção do Método de Pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins**. Curitiba: Insight, 2018.

SURI, J. F. **Thoughtless acts?** observations on intuitive design. São Francisco: Chronicle Book, 2005.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de Pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2011.

---

NOTA DO EDITOR (\*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade das autoras.